

Cápsula do Tempo no 6º ano: Uma Experiência com o Ensino e Fontes Históricas no Estágio Supervisionado de Regência

Vanusa Soares da Silva¹

Willias Cristovão da Silva²

Orientador (Thiago Nunes Soares)³

Resumo

O presente relato de experiência tem como objetivo compartilhar uma atividade pedagógica realizada com turmas do 6º ano, a partir da proposta da "Cápsula do Tempo". A dinâmica teve como foco principal trabalhar o conceito de sujeitos históricos e fontes históricas, de forma dialogada e participativa. Ao refletirem sobre o que poderia ser colocado em uma cápsula do tempo, os estudantes foram levados a compreender que tudo aquilo que é produzido pelo ser humano — como cartas, objetos, vídeos, mensagens ou desenhos — pode ser considerado fonte histórica. A atividade partiu do cotidiano dos alunos e buscou aproximá-los dos conteúdos da disciplina de História, valorizando suas vivências e saberes. O entusiasmo dos estudantes, as perguntas espontâneas e os comentários curiosos revelaram a eficácia da proposta em promover o protagonismo estudantil e uma compreensão mais ampla do que é a História. A produção das cartas, etapa final da dinâmica, reforçou a importância de tornar o ensino mais significativo e conectado com a realidade dos educandos.

Palavras-chave: Cápsula do Tempo; Fontes Históricas; Ensino de História;.

¹ Universidade de Pernambuco, graduanda em História/ vanusa.soares@upe.br

² Universidade de Pernambuco, graduando em História/ wiliass967@gmail.com

³ Universidade de Pernambuco, Prof. Dr. em História/ Thiago.nsoares@upe.br

Introdução

O ensino de História constitui-se como um elemento fundamental na formação crítica e emancipatória dos educandos. “Viabiliza caminhos que conduzem os estudantes à compreensão de si mesmos enquanto sujeitos históricos” (Pernambuco, p. 520, 2019). Ou seja, é na sala de aula e na disciplina de História que se constroem os principais conceitos que capacitam os estudantes a fazer uma leitura de mundo plural e democrática. É nas turmas do 6º ano do Ensino Fundamental que professores e alunos enfrentam desafios, pois, como aponta Macuiama, “observa-se que o estudante, enquanto aluno do 5º ano do Ensino Fundamental I, não tem acesso a um estudo direcionado e exclusivo de História” (Macuiama, p.2, 2023). Esse é o momento em que os alunos passam a ter um contato mais direto e específico com a disciplina, agora acompanhados por um professor específico, isso exige uma ressignificação nas formas de ensinar e aprender. Um dos primeiros conteúdos trabalhados nesse processo é a introdução às fontes históricas e à pesquisa em História, permitindo aos alunos compreender como o historiador atua e como se constrói o conhecimento histórico.

Esse cenário impõe ao professor de História um papel ainda mais desafiador: despertar no estudante um olhar crítico, levá-lo a compreender que a História não está distante, presa aos livros, nem restrita aos acontecimentos do passado, mas faz parte de sua realidade, de seu cotidiano e de sua própria vida. É, portanto, um momento de construção e desconstrução — especialmente daquilo que Freire define como educação bancária: “Eis aí a concepção bancária da educação, em que a única margem de ação oferecida aos educandos é a de receber os depósitos, guardá-los e arquivá-los” (Freire, p. 65). É o momento de mostrar ao alunado que o ensino de História vai além da mera memorização de datas e fatos históricos. Nesse sentido, o ensino caminha na contramão dessa lógica e propõe outras abordagens, nas quais os alunos se reconhecem como parte

da História. Diante desses pressupostos, emerge este relato de experiência que, segundo Duarte,

{...} permite elaborar um discurso sobre processos que se situam na interface entre o coletivo e o singular, bem como pressupõe um trabalho de produção de uma narrativa baseada na memória, o qual permite situar o sujeito e suas práticas no mundo (Duarte, p. 2, 2024).

Nesse contexto, este relato apresenta uma atividade desenvolvida no Estágio Supervisionado III, do curso de Licenciatura em História da Universidade de Pernambuco (UPE), realizada nas turmas do 6º ano da Escola Municipal Maurina Rodrigues do Santos extensão, localizada na Rua Severino Ferreira, no bairro Centro, às margens do Riacho Caçatuba. A proposta teve como objetivo transformar os conteúdos de fontes históricas e sujeitos históricos em uma aprendizagem significativa, tornando-os mais dinâmicos, acessíveis e conectados à realidade dos alunos, utilizando como referência a ideia da cápsula do tempo, inspirados no filme Presságio (2009).¹ Através dessa atividade, buscou-se não apenas transmitir o conteúdo, mas, principalmente, provocar nos alunos a compreensão de eles são sujeitos históricos do tempo presente, e que tudo aquilo que eles produzem são vestígios e fontes históricas que podem ser utilizados em pesquisas, dependendo do que se pesquisa e com qual finalidade essa pesquisa é realizada.

Metodologia

Este relato foi construído a partir de uma experiência vivenciada durante o estágio supervisionado em duas turmas do 6º anos do Ensino Fundamental. A atividade teve como objetivo introduzir os(as) estudantes ao uso de fontes históricas por meio da dinâmica intitulada “Cápsula do Tempo”. A metodologia consistiu no planejamento da atividade junto ao professorregente, na aplicação em sala de aula e na observação do envolvimento e da participação dos(as) alunos(as). Após a realização, foram feitas reflexões e registros que serviram de base para a elaboração

¹1959. Um grupo de alunos faz alguns desenhos sobre como imaginam que será o futuro. Eles serão guardados em uma cápsula do tempo, que apenas será aberta daqui a 50 anos. Filme Presságio, disponível: Amazon Prime Video.

deste texto, com enfoque qualitativo, de caráter descritivo e reflexivo, baseado na prática docente em formação.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A atividade foi realizada em uma escola situada na escola Escola Municipal Maurina Rodrigues do Santos- extensão, localizada em Passira – PE na Rua Severino Ferreira, no bairro Centro, às margens do Riacho Caçatuba. Nas turmas do 6º ano E e F. Esta atividade é inserida dentro de um contexto no qual durante uma reunião de planejamento com o professor regente Walter Soares, foi levantado por ele a discussão sobre as dificuldade de fazer os alunos compreenderem a importância da história, especialmente no que diz respeito ao conteúdo sobre fontes históricas, sujeitos históricos e o trabalho do historiador. Habilidade descrita no currículo de Pernambuco sobre números (EF06HI03PE) e (EF06HI04PE). Muitos alunos demonstravam desinteresse, alegando que não pretendiam ser historiadores e, por isso, não viam sentido no aprendizado.

Diante disso, o professor sugeriu que nós elaborássemos uma atividade dinâmica que pudesse tornar o conteúdo mais significativo e participativo. Após reflexão ao longo da semana, surgiu a ideia de aplicar a dinâmica da “cápsula do tempo”. Nela, os alunos escreveriam cartas sobre o passado, o presente ou o futuro, relatando quem são, o que gostam e como vivem, permitindo que se reconhecessem como sujeitos históricos.

A proposta teve como objetivo mostrar que a história não se restringe aos grandes feitos ou personagens célebres, mas também abrange a vida dos indivíduos comuns como nós. A atividade buscou demonstrar que tudo o que os seres humanos produzem, como cartas, relatos e desenhos, pode se tornar fonte histórica. Ao escreverem suas cartas, os alunos estavam, portanto, produzindo fontes e se posicionando como sujeitos históricos, contribuindo para a compreensão do tempo presente e do valor da sua própria existência dentro do processo histórico.

Após perceberem potencial que a atividade que se insere dentro do contexto das metodologias ativas como aponta Santos; Castaman

As metodologias ativas são compreendidas “[...] como práticas pedagógicas alternativas ao ensino tradicional” (valente, 2018, p. 26). Bacich e Moran (2018) enfatizam que as metodologias ativas constituem-se em estratégias aplicadas nos processos de ensino e aprendizagem que tomam o aprendiz como centro deste processo. Desta forma, privilegia-se a formação de um estudante reflexivo, criativo, autônomo e protagonista de sua aprendizagem (Santos; Castaman, p.336,2022).

Impulsionado por essa linha metodológica ativas vamos até o professor regente pontuamos a ele essa proposta. E ele, de imediato, acolheu positivamente a ideia e nos deu liberdade para seguir com o planejamento e a execução da atividade.

ETAPA I

O primeiro passo foi buscar um recipiente que simbolizasse a cápsula do tempo. Encontramos duas latas de leite em pó que, inicialmente, continham rótulos e marcas comerciais. Retiramos essas embalagens, deixando as latas completamente em alumínio, conforme mostra a figura 1. Assim, passamos a ter o objeto físico que representaria a cápsula do tempo que seria utilizada na atividade



Figura 1: Lata de leite em pó vazia – fonte própria

Em seguida, elaboramos uma atividade introdutória que serviria para contextualizar os alunos e despertar o interesse deles. Essa etapa foi pensada como forma de sintetizar e problematizar os conceitos de fonte histórica, sujeito histórico e o ensino de história

maneira crítica e dialogada . A figura 2 apresenta a atividade desenvolvida para orientar os alunos sobre o que seria desenvolvido. E a figura 3 é a atividade impressa.

Figura 2 – Atividade Elaborada

 Estagiários: Vanusa Soares Willian Cristóvão	Nome: _____ Nº: _____	
	6º ano – Fundamental II (Séries Finais)	Disciplina História PROF. JOSÉ WALTER
FICHA DE REVISÃO		
ORIENTAÇÕES PARA PRODUÇÃO DA CÁPSULA DO TEMPO  Uma Cápsula do tempo é um recipiente especialmente preparado para armazenar objetos ou informações com o objetivo que eles possam ser encontrados pelas gerações futuras. Tal expressão começou a ser utilizada a partir de 1937, embora a ideia seja tão antiga quanto os primeiros assentamentos humanos na Mesopotâmia. Nesta atividade propomos uma mudança no conteúdo e uma redução do tempo de espera, os participantes são convidados a pensar na vida valorizando o passado, planejando o futuro e vivendo o presente. Objetivo: Trabalhar o conceito de tempo histórico, sujeito histórico e fontes históricas. Levar os alunos a refletir o conceito de futuro, sobre o que esperam para si mesmos e o que desejam para o País. Os alunos irão produzir cartas falando sobre como é a vida em 2025, contando seus medos, anseios, inseguranças e sonhos. A cápsula será aberta algum dia por algum sujeito histórico de forma espontânea. A cápsula será enterrada em alguma área da escola, caso haja a autorização da coordenação. • Com base no que estudamos sobre fontes históricas e na atividade da cápsula do tempo realizada hoje, responda com atenção e reflexão às questões abaixo: 1. As cartas e/ou objetos produzidos por vocês podem ser considerados fontes históricas? Se sim, são consideradas fontes materiais ou imateriais? Explique sua resposta. 2. A história estuda o tempo ou passado? O que podemos aprender com esse estudo? 3. Vocês, enquanto sujeitos históricos, produziram cartas e colocaram dentro da cápsula do tempo. Partindo dessa ideia, vocês acham que essas cartas, caso sejam encontradas algum dia por outros sujeitos históricos, poderão ser importantes para entender como estavam os processos sociais na época em que vocês viveram? Justifique com base no que aprendemos sobre fontes históricas e o papel de cada pessoa na construção da história.		

ETAPA II

Após encontrar o objeto que serviria como Cápsula do Tempo, preparar a atividade, ter a autorização do professor e as atividades impressas, chegou o dia de aplicar a dinâmica. Nesse dia, chegamos na escola por volta das 7 horas da manhã, antes dos alunos. Conversando com o professor sobre como seria a aplicação, ele nos informou que daria uma aula em cada turma do sexto ano — uma no 6º ano E e outra no 6º ano F — para que nós conduzíssemos a atividade. Quando os alunos chegaram, o professor nos apresentou,

dizendo que naquele dia iríamos dar uma aula para eles. Começamos pela turma do 6º ano E. Entregamos, primeiramente, as folhas com a atividade e explicamos que faríamos uma dinâmica sobre a Cápsula do Tempo. Perguntamos se já tinham ouvido falar nesse nome e muito responderam que sim, que já ouviram falar, inclusive mencionaram filmes e desenhos animados sobre o tema. Chegaram a citar PeppaPig e Ricky Zoom entre outros desenhos.

Então, pedimos que explicassem com as próprias palavras o que era uma Cápsula do Tempo. Eles disseram: “A Cápsula do Tempo é um recipiente para colocar nossos objetos ou cartas, para que no futuro alguém encontre ou a gente mesmo desenterre um dia e retire aquilo que foi colocado há muito tempo atrás. Outros afirmaram: “A Cápsula do Tempo é um lugar para se esconder quando o mundo estiver ruim.” Apesar dessas diferentes percepções, a maioria entendeu a Cápsula do Tempo como um recipiente onde se guardam cartas ou objetos significativos para serem encontrados ou desenterrados no futuro por outras pessoas ou pelos próprios autores.

Demos então prosseguimento à atividade. Explicamos para eles o conteúdo de maneira dialogada, debatendo com a turma. Contamos que a proposta da Cápsula do Tempo estava diretamente ligada ao fato de que eles estavam atuando como sujeitos históricos, e que aquilo que estavam produzindo já era, por si só, uma fonte histórica. Explicamos que tudo o que o ser humano faz e produz — sobre si e sobre os outros — pode ser considerado fonte histórica. Eles ficaram muito entusiasmados com essa ideia. Um aluno, por exemplo, comentou: “Então tudo o que a gente faz, e tudo o que a gente é, pode ser considerado fonte histórica futuramente?” Respondemos que sim, que a história está em nós, está em tudo, está na sociedade como um todo. A partir daí, eles começaram a fazer associações com o cotidiano, percebendo que o conteúdo de história não está só nos livros, mas no dia a dia.

Amparados sobre as ideias da Nova História, que amplia o conceito de fonte histórica — ou seja, tudo aquilo que é tocado pelo ser humano pode ser entendido como história. Desde uma simples carta a uma fotografia, tudo pode se tornar objeto de estudo histórico. Como aponta Barros,

Fonte Histórica é tudo aquilo que, por ter sido produzido pelos seres humanos ou por trazer vestígios de suas ações e interferência, pode nos proporcionar um acesso significativo à compreensão do passado humano e de seus desdobramentos no presente. As fontes históricas são as marcas da história. Quando um indivíduo escreve um texto, ou retorce um galho de árvore de modo a que este sirva de sinalização aos caminhantes certa trilha; quando um povo constrói seus instrumentos e utensílios, mas também nos momentos em que modifica a paisagem e o meio ambiente à sua volta – em todos estes momentos, e em muitos outros, os homens e mulheres deixam vestígios {...} (Barros, p. 2020).

Nesse momento, um aluno levantou a mão e disse: “Tio, tia, eu achava que fonte histórica era só aqueles documentos antigos que ficam no museu, sabe? Ou no cartório.” Explicamos que não. (Quebra de velhas percepções históricas) As fonte histórica pode ser tanto material quanto imaterial, e que está à nossa volta o tempo todo. Dissemos que até uma mensagem de celular, um vídeo do TikTok, um story do Instagram, algo que veem no YouTube ou mesmo um jogo que jogam pode ser considerado uma fonte histórica. Tudo isso pode ser usado no ensino e na pesquisa em História. Eles ficaram muito felizes com essa descoberta, e outro aluno brincou: “Então vou dizer à minha mãe que, quando eu estiver jogando, estou fazendo história, estou trabalhando com fonte histórica!” A sala caiu na risada, foi um momento bem descontraído. Mas, ao mesmo tempo, muito significativo. A participação foi intensa, todos interagiam e conseguiam visualizar o conteúdo de História aplicado à vida deles. Acredito que esse era um dos principais objetivos da nossa proposta: associar a realidade do educando ao conteúdo. E sim, acredito que conseguimos cumprir isso. Foi um momento muito interativo e vivo. Quando dissemos que produziríamos as cartas naquele mesmo dia, os alunos ficaram animados e perguntaram: “O que pode colocar nas cartas?” Respondemos que eles poderiam colocar tudo o que quisessem: lembranças do passado, situações do presente, expectativas para o futuro, desenhos, frases, sonhos, qualquer coisa. A produção foi livre e criativa, respeitando o tempo e a forma de cada um. As imagens a seguir mostram os alunos no processo de criação das cartas, enquanto oferecíamos orientações, explicando o conteúdo e o modo de produção. Também é possível ver o momento em que finalizam as cartas e as depositam na cápsula do tempo.

Figura 3: Atividade sendo desenvolvida



ETAPA III

Partimos para a terceira etapa da atividade, que se deu com a volta à atividade impressa que a gente já tinha dado no início do tempo. Agora voltamos para a finalização dela, na qual se encontravam três perguntas motivadoras, que foram respondidas oralmente, engajando toda a turma em reflexões. Uma das perguntas era: “As cartas e os objetos produzidos por vocês podem ser considerados fontes históricas? Se sim, são consideradas fontes materiais ou imateriais?” A turma toda falou que eram consideradas fontes históricas, e que eram fontes materiais, porque poderiam ser tocadas. Eles falaram que tudo pode ser fonte histórica — tudo aquilo que o homem toca. A gente problematizou isso junto com eles, falamos que tudo que o homem toca pode ser fonte histórica, mas que a gente precisa indagar a fonte. A fonte não fala por si só, nem traz verdades absolutas. Então precisamos colocar a fonte em xeque. A outra pergunta gerou um verdadeiro debate, um embate em sala e divisões de grupo. Ela perguntava: “A história estuda o tempo ou o passado?” A sala se rachou em grupos: alguns diziam que era o tempo, outros diziam que era o passado. E a gente ali, naquele dilema, tinha que fazer o quê? A gente tinha que trazer uma certa “verdade”. Então, com base nos nossos estudos, falamos que a história se preocupa em entender o tempo, mas que o passado está dentro do tempo. Então, também se estuda o passado — mas não só o passado. A turma ficou entusiasmada. O grupo que dizia que era o tempo ficou feliz porque “acertou”, em tese. Mas ambos acertaram em tese, porque a história também estuda o passado — mas não só o passado.

A última pergunta foi: “Vocês, enquanto sujeitos históricos, produziram cartas e colocaram dentro da cápsula do tempo, né? Partindo dessa ideia, vocês acham que essas cartas, caso sejam encontradas algum dia por outro sujeito histórico, poderão ser importantes para entender como estavam os processos sociais na época em que vocês viveram?” A maioria respondeu que sim, que era muito importante, porque assim eles iriam entender os contextos sociais, políticos, um pouco da realidade social de sujeitos, de pessoas comuns. Essa pergunta o professor pediu para que eles respondessem por escrito no caderno. Após isso, a gente encerrou a atividade. Mas antes de encerrar, um aluno levantou a mão e perguntou: “Professor, professora... vocês vão ler essas cartas”? Nós falamos que não, que não iríamos ler, e que iríamos enterrá-las na escola, em algum espaço que a escola cedesse. Mas a coordenação não autorizou o enterramento. Porém, deu uma opção: guardar a cápsula do tempo numa sala pedagógica da escola, para que, posteriormente, os alunos pudessem ter de volta aquilo que escreveram, em anos futuros.

Essa foi a melhor opção que encontramos. Então, a cápsula do tempo ficou sob supervisão da escola e da coordenação pedagógica para uma posterior reabertura em anos posteriores. Ao finalizar a atividade, observamos que conseguimos alcançar aquilo que havíamos proposto, juntamente com o objetivo inicialmente levantado pelo professor: tornar o conteúdo mais significativo e próximo da realidade dos alunos. Isso foi possível por meio de pequenos exemplos, perguntas motivadoras e atividades criativas como a cápsula do tempo que enriquece a prática educativa.

Ao final da aula, os alunos se aproximaram de nós e expressaram o quanto haviam gostado das atividades. Disseram que gostariam de ter mais aulas como aquela, que unissem o conteúdo escolar a algo mais “divertido” — termo utilizado por um dos estudantes. Esse retorno espontâneo revelou não apenas o êxito da proposta, mas também o quanto a sala de aula pode se transformar em um espaço de escuta, acolhimento e construção coletiva do saber. Essa vivência concretiza o que nos ensina Bell Hooks ao afirmar que, “com todas as limitações, a sala de aula continua sendo um ambiente de possibilidades” (Hooks, 2013, p. 273). Mesmo diante de barreiras estruturais, é possível criar práticas pedagógicas

transformadoras, nas quais os estudantes se reconhecem como sujeitos históricos e protagonistas de sua própria aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a nossa regência, vivenciamos uma experiência enriquecedora em nossa trajetória como futuros professores. Esse momento foi muito mais do que uma simples carga horária obrigatória; foi então um momento muito importante para atribuir nossas vivências, trocas e descobertas que elaboraram grandemente para nosso crescimento pedagógico. Nós percebemos que simplesmente apresentar slides ou pedir para os alunos copiarem algo do quadro não iria gerar tanto engajamento ou interesse. Então, nos perguntamos: como podemos tornar esse tema mais vivo, mais próximo da realidade deles? Foi assim que pensamos na ideia da cápsula do tempo, como uma maneira simbólica e criativa de mostrar que tudo aquilo que vivemos hoje pode se tornar uma fonte histórica amanhã. Organizamos a estrutura da atividade com muito carinho e atenção. Fizemos então ela em três etapas diferentes, interligando o lúdico, o teórico e a praticidade dos alunos.

A atividade com a Cápsula do Tempo demonstrou-se eficaz ao instigar nos alunos o interesse pela disciplina de História de maneira criativa e acessível. Mais do que compreender conceitos, os estudantes puderam se reconhecer como parte do processo histórico, ampliando seu olhar sobre o que é considerado fonte e quem produz a História. Como pontua Ribeiro (2023), “um ensino de História problematizador e emancipatório é aquele assentado na dinâmica do dia a dia, que opera questionando a dicotomia teoria e prática” (Ribeiro, 2023, p. 28). Nesse sentido, a experiência evidenciou o potencial das práticas interativas no cotidiano escolar e reforçou a importância de propostas que dialoguem diretamente com a realidade dos educandos, tornando o ensino mais próximo, envolvente e significativo.

REFERÊNCIAS

Araújo, Sandra Simone Moraes; Ribeiro, Mário dos Santos. Atravessando outras existências: reflexão para o ensino de história. Recife, PE: EdUPE, 2023.

Barros, José de Assunção. Fontes históricas: uma introdução à sua definição, à sua função no trabalho do historiador, e à sua variedade de tipos. **Cadernos do Tempo Presente**, São Cristóvão, v. 11, n. 2, p. 03–26, jul./dez. 2020.

Bloch, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. Traduzido por André Telles.

Correa, Duarte Samuel. Relato de experiência docente na disciplina de fundamento e metodologia de história. **Revista Educação e Ensino**, Fortaleza, v. 5, n. 8, 2024.

Freire, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. Paz e Terra, 1996.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

Makuyama, Gladis Gomes. Ler e escrever: qual é o papel da disciplina de história no ensino fundamental II? RECIMA21, 2023.

Pernambuco. Secretaria de Educação e Esportes. **Currículo de Pernambuco: ensino fundamental**. Coordenação: Ana Coelho Vieira Selva, Sônia Regina Diógenes Tenório. Apresentação: Frederico da Costa Amâncio, Maria Elza da Silva. Recife, 2019.

Santos, Danielle Fernandes Amaro dos; castaman, Ana Sara. Metodologias ativas: uma breve apresentação conceitual e de seus métodos. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 23, n. 51, p. 334-357, jan./abr. 2022.